

Antes do Megalitismo

O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia

■ NUNO FERREIRA BICHO¹ ■ MARY STINER² ■ JOHN LINDLY³ ■ C. REID FERRING⁴ ■

RESUMO O estudo do processo de neolitização em Portugal tem sido caracterizado pelo confronto de dois modelos teóricos principais, que tiveram por base o estudo apresentado por Arnaud em 1982: um modelo apresentado por Zilhão defendendo a introdução de um pacote composto pela agricultura, pastorícia e cerâmica cardial, trazido por populações vindas por via marítima do Mediterrâneo, que se estabeleceram na Estremadura, a norte dos estuários do Tejo e do Sado, zona ocupada pelas comunidades mesolíticas. Estas comunidades subsistiram ainda durante alguns séculos, tendo sido absorvidas pelas comunidades exógenas neolíticas; um segundo modelo defendido por C. Tavares da Silva e por J. Soares, em que o processo de neolitização teria tido início na costa alentejana, através da adopção de alguns elementos das tecnologias neolíticas de forma progressiva e selectiva.

Durante as últimas décadas, o Algarve tem sido objecto de vários trabalhos de prospecção, dos quais resultaram um número razoável de sítios arqueológicos de cronologia mesolítica e neolítica, quase todos formando verdadeiros concheiros. Os sítios parecem dividir-se em dois grupos de acordo com a exploração da fauna e da sua localização geográfica. Os dados cronológicos apontam para uma continuidade clara, sem hiatos a partir de 7500 BP. As ocupações mesolíticas parecem continuar até ao aparecimento dos primeiros vestígios neolíticos, com datações de cerca de 6500 BP. Em cerca de metade dos concheiros mesolíticos conhecidos os níveis superiores apresentam a presença de cerâmicas, evidenciando a utilização da tecnologia neolítica nos concheiros mesolíticos. A informação agora apresentada aponta para o início do processo de neolitização no Algarve por volta de 6500 BP com a introdução da cerâmica cardial. O resto do chamado pacote neolítico, a domesticação e agricultura de cereais, parecem ter sido introduzidos só mais tarde, e que no início deste processo no Algarve, os aspectos económicos e sociais tenham seguido os padrões das comunidades mesolíticas autóctones, como parece ser demonstrado pelo tipo e localização de sítios neolíticos, permitindo portanto pensar-se existiu uma continuidade genética e cultural no Algarve. Atentando nos dados existentes, e ao contrário do

ABSTRACT The study of the neolithization of Portugal has been characterized by the confrontation of two principal theoretical models, which have as their basis a 1982 article by Arnaud: -a model presented by Zilhão defending the introduction of a package made up of agriculture, herding, and Cardial ceramics, brought by populations via maritime routes from the Mediterranean which established themselves in the Estremadura to the north of the Tejo and Sado estuaries, a zone occupied by Mesolithic communities. These communities persisted for some centuries, then were absorbed by the exogenous Neolithic communities;

-a second model defended by C. Tavares da Silva and by J. Soares, in which the process of neolithization had its beginning in the Alentejo coast, through the progressive and selective adoption of elements of Neolithic technologies.

During recent decades, the Algarve has been the object of various survey projects, which has resulted in a reasonable number of Mesolithic and Neolithic sites, almost all of which are genuine shell-middens. The sites appear to divide themselves in two groups depending on the fauna exploited and their geographic location.

Their dates point to a clear continuity, without a hiatus, beginning around 7500 BP.

The Mesolithic occupations appear to continue until the first Neolithic remains, which date to around 6500 BP. In about half of the Mesolithic shell-middens known, the upper levels show the presence of ceramics, demonstrating the use of a Neolithic technology in the Mesolithic shell-middens.

The information now available points to the beginning of neolithization in the Algarve around 6500 BP with the introduction of Cardial ceramics. The rest of the so-called Neolithic package, domestication and cereal farming, appears to have been introduced later. In this process, economic and social forms followed patterns established by the autochthonous Mesolithic communities, as be evidenced by the type and location of Neolithic sites, allowing us, therefore, to imagine that there existed genetic and cultural continuity in the Algarve.

que Soares, Silva e Zilhão têm argumentado, independentemente dos vários modelos apresentados por estes autores, parece neste momento que a explicação para a neolitização em Portugal não deve seguir apenas um modelo explicativo e unilinear, devendo atender à diversidade regional em Portugal.

With respect to existing data, and in contrast to those models that Soares, Silva, and Zilhão have argued, it appears that the explanation for the neolithization of Portugal should not follow only one explanatory and linear model, and should attend to the regional diversity of Portugal.

Introdução

Tradicionalmente, o estudo do processo de neolitização em Portugal tem sido baseado em duas zonas principais, a Estremadura e a costa alentejana. Este facto deve-se, por um lado, ao factor histórico, em que a descoberta dos concheiros de Muge e do Sado foram o elemento principal e preponderante e, por outro, devido à intensidade da investigação nessas áreas no último quarto de século com os trabalhos de vários arqueólogos, dos quais se devem salientar Arnaud, Carvalho, Silva, Soares e Zilhão, através quer da descoberta e escavação de sítios novos, quer do estudo de colecções antigas.

Destes trabalhos saíram dois modelos principais, centrados respectivamente nas duas regiões: Zilhão (1993, 1998) defendendo a migração por grupos exógenos chegados via marítima e a sua colonização da Estremadura nas áreas não ocupadas pelas comunidades mesolíticas locais trazendo o chamado pacote neolítico (agricultura, pastorícia e produção de cerâmica); Soares e Silva (1993) favorecendo a difusão dessa informação na área costeira do Alentejo, que depois se espalharia e seria adoptada pelas comunidades mesolíticas do Alentejo e Estremadura.



FIG. 1 – Localização geral dos sítios mais importantes referidos no texto: 1. Montes de Baixo; 2. Barranco das Quebradas I e II; 3. Vale Santo I e Cabranosa; 4. Rocha das Gaiotas; 5. Padrão; 6. Ribeira de Alcantarilha; 7. Ludo; 8. Monte do Cerro I e II.

Apesar de se conhecerem dois ou três sítios de grande importância no Algarve, esta região nunca foi vista como preponderante na discussão do processo de neolitização do nosso território. Na última década, com trabalhos de prospecção, dos quais resultou a descoberta de perto de duas dezenas de novos sítios, sondagens, escavação e datação é possível ter agora uma perspectiva, ainda muito preliminar, do que foi esse processo na zona do Algarve, bem como compreender a sua importância no contexto português do desenvolvimento das primeiras comunidades produtoras de alimentos.

O Algarve

Análise da informação resultante destes trabalhos pode dividir-se em vários aspectos, localização e tipo de sítios, recursos explorados, cronologia e tecnologia. Até ao momento conhecem-se duas dezenas de sítios de cronologia do Mesolítico e do Neolítico antigo. Estes sítios concentram-se principalmente na zona do promontório de Sagres e arredores, mas existem também alguns sítios espalhados quer na costa oeste, quer no interior dos vales marcados pela presença de maciços calcários do interior a norte de Tavira. Na sua maioria, estes sítios são de ar livre, com apenas duas excepções conhecidas, Barranco das Quebradas 1 e 2, que se encontram em abrigos sob rocha. De novo, a maior parte destes sítios são concheiros, com apenas 4 excepções, mas onde se encontram também algumas conchas. Destas excepções temos o caso de Cabranosa e Padrão na zona de Sagres e dois sítios na zona de Tavira, Monte do Cerro 1 e 2, ambos aparentemente de cronologia mesolítica. No primeiro caso, os dois sítios são de cronologia neolítica e devido à presença de estruturas de combustão, parece indicar a presença de acampamentos resultantes de alguma duração. No caso dos sítios de Monte do Cerro, pelo menos um deles parece indicar, pela extensão da dispersão dos achados, um acampamento de longa duração, bem como um sítio de exploração e manutenção de sílex, encontrando-se este sítio a menos de 500 m da fonte dessa matéria prima. O caso de Monte do Cerro 2 é diferente, uma vez que este sítio se encontra em cima da fonte de matéria-prima, sendo portanto um local de exploração do sílex e preparação de material lítico.

Os sítios encontrados até ao presente parecem indicar padrões predominantes na escolha da sua localização. O padrão principal da escolha do sítio parece ser a presença de matéria-prima para a produção da utensilagem lítica em sílex, já que apenas em 20% dos sítios localizados até ao momento não se conhecem fontes de sílex próximas. Como é evidente, mesmo nestes 4 sítios (Ludo, Ribeira de Alcantarilha, Praia de Vale Figueiras e Montes de Baixo), poderá haver sílex, mas este não foi ainda encontrado. Outro elemento característico de todos estes sítios é o facto de todos eles terem acesso fácil ao mar, quer porque se encontram junto à linha de costa, quer porque mesmo aqueles casos localizados mais no interior como por exemplo o sítio de Ribeira de Alcantarilha e os sítios da zona de Tavira encontram-se em vales fluviais onde a movimentação em direcção ao mar se poderia fazer de forma fácil devido à geografia e topografia do terreno. Do ponto de vista da distância do sítio à linha de costa, parece também haver um padrão bem marcado, pelo menos no que diz respeito aos sítios da zona de Sagres, onde todos eles estão no máximo a um quilómetro da actual costa. No caso dos sítios a norte de Tavira e de Montes de Baixo, na costa oeste, estes encontram-se todos a menos de 10 km da costa, e geralmente a uma distância próxima dos 5 km. Todos os sítios, sem excepção se encontram a uma altitude mínima de 10 m, mesmo aqueles que se encontram junto à costa. No caso dos sítios localizados no interior dos vales fluviais, estes encontram-se também a uma altitude mínima, em relação ao leito do rio, nunca inferior a 6 m.

Com base neste factos, poder-se-á assim concluir que a informação existente dos sítios deste período parece apontar para um padrão em que a presença do sílex e a proximidade à linha de costa foram os elementos determinantes na localização dos sítios até agora conhecidos, aspecto que no caso da altitude absoluta e relativa de cada sítio poderá sugerir também alterações no nível do mar, uma vez que não se encontraram sítios a um nível inferior a 6 metros acima do nível das bacias hidrográficas. Estes aspectos parecem estar de acordo com o tipo de sítios conhecidos, uma vez que quase todos são concheiros e nos outros casos se encontraram algumas conchas marinhas. Também a informação disponível aponta para que a matéria-prima utilizada seja sempre o sílex local: no caso de Sagres, o sílex proveniente dos calcários de Belixe e os nódulos de superfície de Cabranosa; no caso de Tavira os pequenos nódulos dos calcários da zona do Barranco da Nora e do Monte do Cerro.

Mas a exploração dos recursos naturais parece ser mais complexa do que apenas o caso do sílex. Até ao momento, nos sítios que se conhecem, os elementos mais importantes em termos de exploração dos recursos naturais são os recursos marinhos nomeadamente os moluscos. A recolha destes foi feita pelo menos a partir de cerca de 7500 BP, sendo todos os concheiros conhecidos até ao momento caracterizados pela ausência completa ou quase total de outro tipo de fauna. As espécies presentes nestes concheiros são essencialmente idênticas, com variação que depende da localização do concheiro, uma vez que os aspectos ecológicos parecem ser os elementos determinantes nas espécies presentes em cada sítio. Assim, nos sítios junto a zonas rochosas as espécies que marcam as coleções são principalmente a lapa, o mexilhão o caramujo e o burrié, bem como a *Thais haemastoma*. Nos sítios longe de *habitat* rochosos, encontram-se a amêijoia, o berbigão, os canivetes e, mais raramente, a ostra. No entanto, quer nuns casos quer noutros, as espécies que não são locais aparecem também, sugerindo uma diversificação da zona de exploração dos recursos apontando, portanto, para uma movimentação fluida no território.

Para além destas espécies que claramente terão servido como elementos importantes na dieta dos grupos humanos locais, encontram-se ainda outras espécies como *Balanus* ou *Urosalpinx cincerea*, que terão vindo acidentalmente, provavelmente porque partilham a mesma ecologia local das espécies recolhidas ou ainda espécies como a *Dentalium*, *Glycymeris* e *Nassarius*, que terão sido utilizadas para a produção de adornos.

A informação preliminar sobre a frequência de espécies comestíveis parece apontar para alguma alteração nos hábitos alimentares com o decorrer do tempo, com a diminuição da utilização de *Monodonta lineata* e de *Patella* e o aumento de *Thais* e *Mytilus*. Esta alteração poderá ser uma consequência da sobre-exploração local de algumas dessas espécies.

Outros aspectos interessantes são os padrões de fragmentação de calcinação das conchas. Parece existir um padrão claro em que conchas de mexilhão e de *Thais* aparecem calcinadas frequentemente, enquanto que tal não acontece com as outras espécies. Outro padrão importante parece ser o da fragmentação, em que as conchas dessas duas espécies aparecem com um grau de fragmentação elevado (menos de um quarto das conchas aparecem inteiras, enquanto que mais de 50% das conchas das outras espécies sobrevivem sem fragmentação). Como é evidente, este padrão de fragmentação tem várias possíveis explicações. A concha fina do mexilhão fragmenta-se facilmente devido à combinação de vários processos, modernos e pré-históricos como o pisar e o cozinhar ou a própria escavação arqueológica. No entanto, estes mesmos processos tafonómicos verificam-se com outras conchas finas como o caso das lapas pequenas. Contudo, o padrão de fragmentação não se verifica nas lapas. Assim, provavelmente o processo de aquecimento, que se verifica no caso dos mexilhões e da *Thais*, será parcialmente responsável pelo padrão de fragmentação exis-

tente. Como é evidente a fractura e o aquecimento destas duas espécies estará ligado, uma vez que a abertura de bivalves ou a sua fractura para extracção do animal, neste caso dos mexilhões, se torna mais fácil quando estes são aquecidos. Este aquecimento ter-se-á dado provavelmente em lareiras abertas onde os seixos e fragmentos de rochas locais são aquecidos, mantendo temperaturas bastante altas durante períodos longos, sem precisarem de grande atenção ou manutenção. Este tipo de vestígios está presente em grande parte dos concheiros, através de frequências bastante elevadas de clastos da rocha local, grandemente fragmentados e calcinados. O mesmo processo teria sido aplicado à *Thais*, não necessariamente porque era necessário, mas porque esta espécie terá sido apanhada conjuntamente com os mexilhões e, portanto, tratada da mesma forma, com a excepção da sua fractura intencional para extracção do animal, processo que o aquecimento nas brasas da lareira facilitaria, uma vez que o aquecimento da concha faz diminuir consideravelmente a estrutura mineral da concha.

Para além da fauna malacológica encontram-se ainda outras espécies marinhas nestes concheiros, como crustáceos ou peixes. Em qualquer dos casos, quer o número de espécies, quer a frequência de cada espécie em cada sítio, é marcadamente baixa, da ordem de uma espécie a duas espécies e menos de uma dezena de elementos em cada colecção.

As espécies terrestres encontradas nos concheiros são extremamente raras. Apenas num dos concheiros da área de Sagres foram encontrados dois ou três fragmentos de osso de leporídeo. No entanto, do ponto de vista tafonómico, não existem razões para que não se encontrem ossos, significando isto, portanto, que não foi depositada fauna terrestre nestes concheiros, e consequentemente não fazendo a fauna terrestre parte dos recursos explorados nestes concheiros.

Em contrapartida, os sítios neolíticos de Padrão e de Cabranosa estão marcados pela presença de fauna terrestre com alguma abundância e, aspecto importantíssimo, fauna essa que pertence, pelo menos no caso de Cabranosa, a espécies domésticas (Cardoso et al., no prelo).

Os artefactos e os aspectos tecnológicos, tal como a exploração dos recursos naturais, apresentam elementos interessantes no estudo do processo de neolitização da região do Algarve. No caso do material lítico, este não aparenta ter diferenças significativas entre as ocupações mesolíticas e neolíticas, com a presença de raspadeiras, buris, furadores, lamelas de dorso e geométricos. Do ponto de vista tecnológico, a produção dos geométricos parece utilizar a técnica do microburil, enquanto que a produção lamelar é claramente diferente da do Paleolítico superior, sendo as lamelas muito regulares e homogéneas em termos de dimensões e formato, com as cristas e arestas guia muito bem definidas e paralelas entre si e aos bordos da peça. O talão sugere a utilização de percussão indirecta ou mesmo pressão, sendo os núcleos de tipo piramidal com as cornijas de tipo multifacetadas e com sinais de abrasão. O aspecto interessante é a diferença na frequência de materiais líticos nos vários sítios arqueológicos. No que concerne o material lítico existem dois grupos diferentes de sítios, independentemente da cronologia, do tipo de sítio e da área da sua localização. Um dos grupos de sítios que parece incluir os sítios de Monte do Cerro 1 e 2, Rocha das Gai-votas e Cabranosa, está marcado pela presença de grandes quantidades de material lítico, onde aparentemente se encontram as cadeias operatórias completas. Todos estes sítios se encontram a menos de 1 km da fonte de matéria-prima. Os outros sítios caracterizam-se pela quase ausência de material lítico, sendo na sua totalidade concheiros. Em relação a este aspecto não existe ainda informação disponível sobre o sítio de Padrão, nem sobre a existência de fontes de sílex na sua proximidade, pelo que não é possível de momento integrá-lo em nenhum dos grupos.

Em relação ao material cerâmico, parecem existir dois grupos de conjuntos. Um marcado pela relativa abundância de fragmentos de cerâmica e pela presença de cerâmica cardial, e outro caracterizado pela frequência muito reduzida de material cerâmico e ausência de cerâmica cardial. É necessário, no entanto, esclarecer que uma vez que o segundo conjunto se encontra marcado por um número muito reduzido de fragmentos de cerâmica, geralmente inferior a 50 fragmentos de tamanho reduzido, a ausência de cardial pode apenas dever-se à dimensão da amostra. No entanto, existem outros factores que separam os dois grupos. O primeiro é a cronologia. As datações para os sítios com cardial são mais antigas do que as datações para os sítios sem cardiais, com uma diferença de perto de 300 anos, consistindo as amostras em ambos os casos em conchas marinhas e ou carvão. Outro elemento separador é o facto de no caso dos sítios com cerâmica não cardial, esta aparecer nos níveis de topo de sequências cuja base é mesolítica, enquanto que os sítios com cardial não apresentam qualquer indício de ocupação mesolítica anterior. Finalmente, a cerâmica não cardial aparece apenas em concheiros (com ou sem ocupação mesolítica anterior), enquanto que a cerâmica cardial aparece em sítios sem concheiros (Padrão e Cabranosa).

TABELA 1

Datação de radiocarbono do Mesolítico e Neolítico antigo do Algarve resultantes do Projecto de Investigação *A Ocupação Humana Paleolítica do Algarve*.

Sítio	Nível	Data BP*	Ref. Lab.	Data B.C. calibrada**	Cerâmicas
Ribeira de Alcantarilha	–	6120±70	WK-6672	5207-4859	presente
	–	6160±60	Wk-6851	5227-4999	presente
Vale Santo I	–	6340±120	Wk-6673	5470-5145	presente
Rocha das Gaivotas	–	6890±70	Wk-6075	5839-5671	presente na superfície
Barranco das Quebradas II	0-22	7980±80	Wk-8940	7053-6711	presente na superfície
	60-70	8400±60	Wk-8951	7569-7377	ausente
Barranco das Quebradas I	40-50	8580±70	Wk-8939	7707-7543	ausente
	110-120	8640±70	Wk-8950	7731-7587	ausente

* Todas as datações foram feitas sobre conchas marinhas, sendo os resultados corrigidos com a subtração de 360±35 devido ao fenómeno de Reservatório Oceânico (Soares, 1993).

** A calibração foi feita com o programa CALIB 25 e apresenta-se com o valor de 1 sigma.

Conclusão

Vários aspectos são assim importantes no estudo, ainda preliminar da questão do processo de neolitização no Algarve. O primeiro é que, ao contrário do que a informação disponível sugeria até recentemente, a região do Algarve, em geral, e especificamente a zona do promontório de Sagres, apresenta agora um manancial de informação que potencialmente poderá ser superior ao das zonas tradicionalmente utilizadas para tratar esta questão, pelo menos no que concerne ao número de sítios com potenciais estratigráficos longos e com presença de faunas.

A segunda conclusão que se pode tirar é que o modelo de Zilhão parece não se adaptar à informação existente para o Algarve, uma vez que é claro que terá existido pelo menos alguma continuidade entre as populações mesolíticas e as populações neolíticas locais, não só em termos da localização e tipo de sítios, mas também do ponto de vista eco-

nómico e de exploração dos recursos naturais, nomeadamente o sílex e a fauna marinha. Por outro lado, o modelo de Soares e Silva, que integra e defende a questão da continuidade regional na população, através da adaptação progressiva de novos elementos tecnológicos, nomeadamente a cerâmica, parece adaptar-se à realidade pré-histórica do Algarve. No entanto, este modelo dificilmente explica as grandes diferenças existentes neste momento na informação disponível entre os sítios com cerâmicas cardiais que se caracterizam pela presença de fauna doméstica, a importância relativamente reduzida da exploração dos recursos marinhos e uma cronologia antiga, e os sítios com cerâmicas não cardiais, que se caracterizam por uma maior dispersão geográfica, continuidade da utilização dos mesmos sítios utilizados durante a ocupação mesolítica, continuidade nas estratégias económicas e de exploração do sílex e dos restantes recursos naturais, incluindo os recursos aquáticos, ausência de faunas domésticas e com uma cronologia cerca de 300 anos mais recente do que os sítios com cardial. A ausência de vertebrados no caso quer dos sítios mesolíticos, quer dos sítios com cerâmicas não cardiais, aponta para uma ocupação do território mais complexa do que aquela que se conhece presentemente. Uma vez que os recursos cinegéticos locais não foram utilizados, como o prova a sua ausência dos concheiros conhecidos, a utilização dos recursos aquáticos foi provavelmente sazonal, devendo a exploração dos recursos dietéticos terrestres ter sido feita em zonas do interior onde não se conhecem ainda sítios, mas mais a norte, perto de Odemira, o concheiro de Fiais pode ser um exemplo (Arnaud, 1993). Em alternativa ao modelo sazonal, podemos ter um modelo em que a mobilidade dos grupos é bastante alta, e em que os acampamentos base se localizariam no interior, sendo apenas conhecidos os acampamentos de curta duração, utilizados para tarefas específicas como recolha e tratamento de moluscos ou exploração do sílex.

Com base neste conjunto de informações, que nalguns casos são ainda preliminares ou carecem de amostras de maiores dimensões, poder-se-á desenvolver um novo modelo de trabalho, para ser testado no futuro, esperamos que através da cooperação de todos os investigadores que trabalham na região do Algarve.

Depois de 8000 BP, população mesolítica do Algarve utiliza, com carácter sazonal, os recursos terrestres e aquáticos, explorando esses recursos através de um sistema de mobilidade logística, em que os acampamentos base se situam no interior onde são explorados os recursos cinegéticos de médio e grande porte, enquanto que os recursos aquáticos são explorados com base em pequenos acampamentos localizados junto ou perto da linha de costa. Por volta de 6500 BP (cerca de 5500 a.C.), pequenos grupos exógenos vindos por via marítima, chegam à zona de Sagres com o chamado pacote neolítico, onde se fixam por um curto espaço de tempo, contactando com as populações locais. Através deste contacto, alguma dessa tecnologia nova terá sido adoptada pelas populações mesolíticas locais, nomeadamente a cerâmica, não tendo havido alterações no sistema de exploração dos recursos naturais ou da utilização do espaço por estas populações, que apenas se tornaram “neolíticas” por virtude de terem utilizado no seu dia a dia a tecnologia da cerâmica. O resto do pacote, a domesticação de animais e a agricultura, no caso do Algarve terá aparecido apenas muito mais tarde, provavelmente durante o Neolítico médio ou mesmo final.

NOTAS

- ¹ História e Arqueologia – UCEH • Universidade do Algarve • Campus de Gambelas • 8000 Faro
nbicho@mozart.si.ualg.pt
- ² University of Arizona • Dept. of Anthropology • Bldg. 30 • Tucson, AZ 85721-0030 • USA
mstiner@u.arizona.edu
- ³ Arizona State University • Dept. of Anthropology • P. O. Box 872402 • Tempe, AZ 85287-2402 • USA
jlindly@earthlink.net
- ⁴ Institute of Applied Sciences • North Texas University • P. O. Box 13078 • Denton, TX 76203-3078 • USA
ferring@unt.edu

BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. (1982) - Néolithique Ancien et processus de néolithisation dans le sud du Portugal. *Archéologie en Languedoc*. N.o special (Actes du Colloque International de Préhistoire), p. 29-48.
- ARNAUD, J. (1993) - O Mesolítico e a neolitização. Balanço e perspectivas. In CARVALHO, G. S.; FERREIRA, A. B.; SENNA-MARTINEZ, J. C., eds. - *O Quaternário em Portugal: balanços e perspectivas*. Lisboa: Colibri, p. 173-184.
- BICHO, N.F.; LINDLY, J.; STINER, M.; FERRING, C.R. (2000) - O processo de neolitização na Costa Sudoeste. In 3.º *Congresso de Arqueologia Peninsular*, III. Porto: ADECAP, p. 11-20.
- CARDOSO, J., CARVALHO, A.; NORTON, J. (no prelo) - A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
- GOMES, M.; SILVA, C.T. (1987) - *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*. Vila do Bispo: Secretaria de Estado da Cultura.
- SILVA, C.T. (1993) - O Neolítico Antigo. In *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 149-165.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- ZILHÃO, J. (1993) - The spread of agro-pastoral economies across Mediterranean Europe: a view from the Far West. *Journal of Mediterranean Archaeology*. Sheffield. 6:1, p. 5-63.
- ZILHÃO, J. (1998) - A passagem do Mesolítico ao Neolítico na costa do Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 27-44.